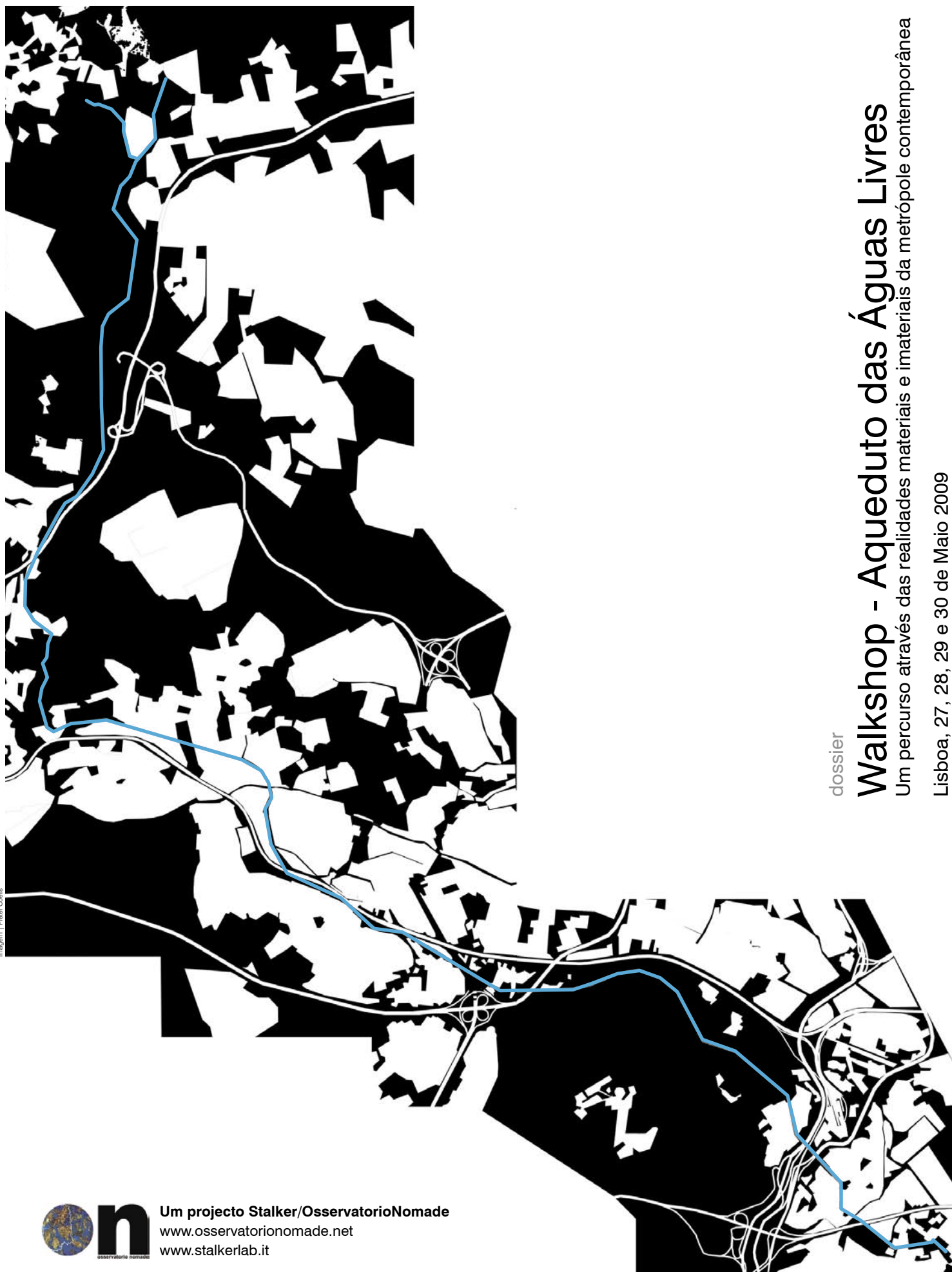




Um projecto Stalker/OsservatorioNomade  
[www.osservatorionomade.net](http://www.osservatorionomade.net)  
[www.stalkerlab.it](http://www.stalkerlab.it)



dossier

## Walkshop - Aqueduto das Águas Livres

Um percurso através das realidades materiais e imateriais da metrópole contemporânea

Lisboa, 27, 28, 29 e 30 de Maio 2009

O *Walkshop – Aqueduto das Águas Livres* decorreu em Lisboa do dia 27 até ao dia 30 de Maio de 2009. Durante quatro dias de trabalho, estudantes e jovens profissionais de várias áreas de conhecimento exploraram o Aqueduto das Águas Livres percorrendo a pé os cerca 20 quilómetros do seu ramo principal, deslocando-se como um “sujeito colectivo” à procura de reinterpretar a relação do monumento com o território. Mas o *Walkshop* não nasceu por mera curiosidade pela obra de engenharia de reconhecido interesse patrimonial. Neste projecto o aqueduto de Lisboa foi utilizado como elemento de referência para experimentar uma metodologia de intervenção no território aplicada desde à 15 anos pelo colectivo italiano Stalker, caracterizada pela sua informalidade. Assim, actuando no campo da arquitectura e do urbanismo e deixando de lado as suas ferramentas habituais, o *Walkshop* permitiu confrontar os participantes com uma outra forma de abordar o projecto e questionar a grande sectorização disciplinar que ainda persiste em Portugal. Pretendeu também interagir de forma crítica com um contexto académico e profissional ainda muito preocupado pelas questões formais e onde o empenho social e político do arquitecto tem, na maioria das vezes, dificuldade em ultrapassar o estádio das intenções.

### Processo de produção

A realização do *Walkshop – Aqueduto das Águas Livres* em Maio de 2009 concluiu um moroso processo de produção iniciado alguns anos antes de modo espontâneo e sem estrutura de apoio enquanto estudava, com uma bolsa Erasmus, na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL). Apesar do processo ter sido muito difícil, conseguiu-se aproveitar os seus próprios reveses, acabando por proporcionar numerosas informações sobre o contexto académico, profissional e institucional português, informações estas bastante raras na produção escrita local. Dedicaremos uma grande parte deste dossier à fase de elaboração que nos parece o melhor modo de contar *a posteriori* o que foi um evento articulado à volta de uma intervenção efémera e informal, evitando desta forma a sua mera paráfrase escrita e em consequência errónea.

No mês de Maio de 2004, a FAUTL organizou um workshop intitulado *Aqueduto das Águas Livres, um percurso da história de Lisboa*, coordenado pela professora Maria da Graça Saraiva e contando com a participação dos arquitectos paisagistas Louise Mozingo e Mathias Kondolf do *Department of Landscape Architecture and Environmental Planning (LAEP), University of California at Berkeley*. Os objectivos enunciados neste primeiro workshop foram, em alguns aspectos, muito semelhantes aos que guiaram cinco anos depois o *Walkshop – Aqueduto das Águas Livres*: ambas as experiências, pretendiam estudar o aqueduto além do objecto construído, desbruçando-se sobre as suas implicações no contexto geográfico e social contemporâneo.

Contudo, as metodologias implementadas foram diferentes senão opostas, prevendo o workshop de 2004 concluir-se com propostas concretas de projecto elaboradas pelos participantes durante os três últimos dias de trabalho (propostas essas que passaram inevitavelmente ao lado das complexas interações existentes entre todos os actores presentes no território). Inversamente, é uma caminhada de dois dias ao longo do monumento que se assumiu como o momento chave da experiência de 2009, substituindo o desenho académico pela criação de uma situação performativa sem qualquer veleidade de projecto. De certa forma, o *Walkshop* transformou-se na parte preliminar, realizada *a posteriori*, de um primeiro estudo interessante mas que avançou demasiado rápido para objetivos formais inatingíveis.

Foi nesta altura que surgiu a ideia de convidar Stalker a vir a Lisboa, iniciando-se os primeiros passos na procura de apoios para a realização do futuro *Walkshop – Aqueduto das Águas Livres*. A presença de uma estrutura com experiência, ao nível de produção, com referências e com um bom conhecimento do contexto institucional e cultural fez obviamente muita falta. Mas independentemente disso, o diálogo com as entidades susceptíveis de apoiar a iniciativa enfrentou dois problemas principais. O primeiro teve a ver com a própria natureza transdisciplinar e informal da intervenção proposta que tornava difícil de encaixar nos quadros e até na terminologia do habitual circuito de financiamentos deste tipo de evento. De facto, o trabalho de Stalker não é arquitectura, não é arte, não é geografia, não é sociologia nem política: é isto tudo ao mesmo tempo. Ora, na falta de um objecto com contornos claros e facilmente assimilável a um campo disciplinar específico, tornava-se difícil para as instituições aderir ao projecto e até percebê-lo. O segundo problema foi mais insidioso: apesar de ter demonstrado interesse pelo projecto durante os primeiros contactos, várias instituições ficaram à espera da confirmação dos seus pares para, por sua vez, conceder o apoio... um verdadeiro círculo vicioso. Motivo pelo qual a organização não quer deixar de aproveitar este dossier para agradecer novamente às instituições, e no seu seio aos nossos interlocutores, que nos deram a sua confiança logo nos primeiros passos do projecto. De facto, além de proporcionar o apoio financeiro e/ou logístico solicitado, desencadearam a dinâmica positiva que permitiu a concretização do *Walkshop*.

Para exemplificar as dificuldades encontradas, queríamos referir o caso da Secção Regional Sul da Ordem dos Arquitectos (OASRS). Quando solicitámos à OASRS que nos apoiasse, mencionámos de forma clara um dos objectivos subjacente ao projecto: confrontar directamente estudantes e arquitectos com uma outra forma de intervir na cidade, questionando os próprios contornos da profissão. Para o efeito, pedíamos à instituição representativa da profissão para acolher na sua sede a apresentação do *Walkshop*. Não foi pedido nenhum apoio financeiro mas somente a inserção da conferência de introdução e





da exposição conclusiva do Walkshop num ciclo da OASRS na altura chamado “espaço livre”. Durante as primeiras fases do nosso diálogo, o acolhimento do projecto pareceu positivo, mas um ponto de divergência surgiu quando a Ordem dos Arquitectos propôs organizar em paralelo uma segunda conferência do atelier Lacaton & Vassal, que tínhamos convidado com o apoio do Instituto Franco-Português (IFP). A acontecer, tal facto poderia ter afastado da conferência do Walkshop uma grande parte do seu público alvo e, consequentemente, prejudicar o debate que pretendíamos em prol de uma mera apresentação dos trabalhos do prestigioso atelier. Várias semanas depois de ter explicado este receio, obtivemos a resposta da OASRS, que recusou o apoio sem sequer explicar o motivo da sua decisão.

Um outro aspecto incontornável do processo de produção foi obviamente a questão financeira. Foi de facto muito difícil juntar a verba necessária à realização do Walkshop, apesar de se ter previsto um orçamento mínimo. (Mesmo demasiado pouco relevante segundo algumas entidades para elas acreditarem na qualidade do projecto e aceitarem aderir...). Frequentemente, a fim de nos ajudar a encontrar a verba em falta, as instituições nos sugeriram a possibilidade de cobrar aos participantes, seguindo uma lógica infelizmente corrente em Portugal. Uma proposta que a organização sempre recusou, sob risco de não conseguir avançar com o processo, sendo os próprios participantes o motor e a razão de ser da intervenção proposta. Esta postura exemplifica de resto uma das ligações implícitas do Walkshop com o seu contexto perguntando: não será que o pagamento pelos estudantes dos workshops e conferências que lhes são destinados pode constituir uma limitação e uma selecção implícita no acesso ao conhecimento? Ainda por cima, não será que induz uma desresponsabilização financeira por parte das instituições em relação aos seus respectivos papéis de ensino ou de promoção cultural?

Por fim, após meses e meses deste longo processo incluindo mudanças de estratégias, continuas reelaborações dos pormenores da intervenção mas também a obrigação de dividir por dois os *cachets* dos actores do projecto, conseguiu-se reunir uma parte da verba solicitada e avançar com mais certeza para a realização do *Walkshop - Aquecimento das Águas Livres*.

## Stalker / Osservatorio Nomade

- O que é Stalker?
- Stalker não é. Stalker acontece.[1]

Os membros fundadores de Stalker encontraram-se em Roma no início dos anos 90 durante a contestação universitária chamada *La Pantera*. Desde então, o empenho político e social esteve sempre presente nos trabalhos do colectivo que, alguns anos depois, passou a

chamar-se *Laboratorio d'arte urbana Stalker*[2]. Apresenta-se como um “sujeito colectivo”, enfatizando assim a estrutura muito aberta do laboratório bem como a realização colectiva das suas acções. Apesar de encontrar-se regularmente inserido nos mecanismos de financiamento e divulgação da arquitectura e da arte, os projectos de Stalker caracterizam-se por uma multiplicidade de âmbitos de intervenção e por uma metodologia singular. O “caminhar” tem neste *modus operandi* um lugar particular e constitui a ferramenta principal de acção



Planisfero Roma | Stalker, 1997

e investigação desde o projecto manifesto *Attraverso i territori attuali*, realizado em 1995. Durante cinco dias, Stalker caminhou em redor de Roma, à descoberta da complexa e extensíssima zona de contacto entre a cidade consolidada e os vazios plurimorfos que a rodeiam. Mas outras modalidades surgiram consoante as situações encontradas. *Immaginare Corviale*, por exemplo, concentrou-se sobre um edifício de habitação social emblemático quer da periferia Romana quer das dinâmicas de segregação urbana, propondo a sua reinterpretação simbólica e a reapropriação dos seus espaços em desuso. Alguns





anos depois, *Along the Egnatia. A path of displaced memories* alcançou uma escala transnacional recolhendo “histórias de deslocações” contadas pelos próprios migrantes dos países atravessados pela antiga via Romana (a via Egnatia ligava Roma a Constantinopla). Durante estas experiências nasceu o Osservatorio Nomade (ON), um projecto interdisciplinar promovido pelo colectivo Stalker, que se auto-define do seguinte modo: “O Osservatorio Nomade propõe métodos de intervenção espacial baseados nas práticas de exploração, escuta e de relação com os ambientes, os habitantes e as suas memórias. Tal prática pretende catalisar o desenvolvimento de processos flexíveis e de auto-organização, mediante o estabelecimento de novas relações sociais e ambientais. As intervenções permitem um levantamento sensível, complexo e dinâmico dos territórios e das comunidades. Graças à abordagem interdisciplinar, estas experiências tornam-se apelativas e de fácil acessibilidade, revelando um *modus operandi* único para partilhar conhecimentos e contribuir para a difusão da consciência das comunidades relativamente aos seus territórios e ambiente cultural. Como consequência, nascem respostas eficazes e de participação criativa à administração territorial e urbana”.

### Walkshop – Aqueduto das Águas Livres

O Aqueduto das Águas Livres foi construído no século XVIII para o abastecimento de água da cidade de Lisboa. Estende-se ao longo de 18 km e compreende um extenso sistema de ramais. O complexo arquitectónico atravessa imperturbavelmente quatro conselhos da Área Metropolitana de Lisboa compostos por paisagens agrícolas remanescentes e núcleos urbanos de altíssima densidade passando por zonas periféricas «difusas» onde desaparece a tradicional dicotomia cidade/campo. Na última parte do seu percurso, atravessa o parque florestal de Monsanto e surge no Vale de Alcântara com a sua imagem mais emblemática antes de inserir-se no centro de Lisboa para concluir um percurso complexo e curioso através das evoluções da cidade contemporânea. Mas para além de ligar fisicamente várias realidades territoriais e urbanas, o aqueduto conecta também as realidades sociais, ambientais e culturais que se desenvolveram nestes lugares.

Foi este incrível território que propusemos aos participantes descobrir, procurando mostrar como é que o elemento patrimonial do século XVIII permite uma releitura esclarecedora da cidade contemporânea, das suas problemáticas e das suas novas características. Como já referimos, constituiu uma formidável ocasião de apresentar em Portugal o laboratório Stalker/OsservatorioNomade e a sua abordagem específica. Articulando a experimentação ao longo do aqueduto com uma conferência e um debate, pretendíamos também questionar o papel do arquitecto enquanto actor da construção do território e até a sua responsabilidade social (a intervenção de Lorenzo Romito ilustrou perfeitamente esta questão).



fotografia | Tamás Szentirmai





Para entender o *Walkshop - Aqueduto das Águas Livres*, é preciso olhá-lo no seu conjunto, articulando-se em volta de quatro fases: uma conferência introdutória, um walk/caminhada ao longo do Aqueduto das Águas Livres, um workshop de reelaboração das impressões e dos registos recolhidos durante a caminhada e, por fim, uma apresentação pública.

#### **Conferência | 27 de Maio**

Com o título “*Across material and immaterial practices*”, a conferência introdutória reuniu o laboratório Stalker/OsservatorioNomade e o atelier Lacaton & Vassal Architects. Proporcionou uma confrontação entre duas práticas aparentemente opostas, a primeira oscilando entre a arte, a investigação socio-anropológica e a contestação política e a segunda, assumidamente arquitectónica. Contudo, pela sua forma específica de encarar o projecto, o atelier Lacaton & Vassal exemplifica perfeitamente uma atitude mais preocupada pelos usos e pelas vivências do espaço do que pela forma do objecto arquitectónico e urbano. É nomeadamente neste aspecto que as respectivas abordagens convergem, demonstrando que existem pontes possíveis entre práticas materiais e imateriais. A conferência tinha por objectivo debater esta questão, relacionando-a com o contexto português e oferecendo um complemento teórico à experiência realizada *in-situ* nos dias seguintes.

#### ***Across material and immaterial practices* | Programa**

*O Aqueduto das Águas Livres de Lisboa: Da organização territorial à diferenciação social da capital portuguesa*  
Teresa Marat-Mendes

*Entre estratégias e táticas: O nó rodoviário da Buraca*  
Marc Latapie

*Walking as a knowledge instrument*  
Francesco Careri, Lorenzo Romito

#### **Intervalo**

*Processo como projecto: Práticas arquitectónicas contemporâneas para além da objectualidade*  
Luís Santiago Baptista

*U - Turn: Common design for social change*  
Francesco Careri, Lorenzo Romito

*Minimum for maximum*  
Jean-Philippe Vassal

Debate moderado por Luís Santiago Baptista



fotografia | Tamás Szentirmai

**Teresa Marat-Mendes** formou-se em arquitectura em Portugal e obteve o grau de Ph.D. em arquitectura na University of Nottingham no Reino Unido. Actualmente, é Professora no Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE, em Lisboa. A sua actividade de investigação centra-se nas áreas do desenvolvimento sustentável, nas paisagens culturais e na reabilitação de paisagens e áreas urbanas tradicionais. Tem participado e sido convidada para vários seminários, cursos de mestrado e doutoramento e ainda para projectos de investigação em diferentes países europeus.

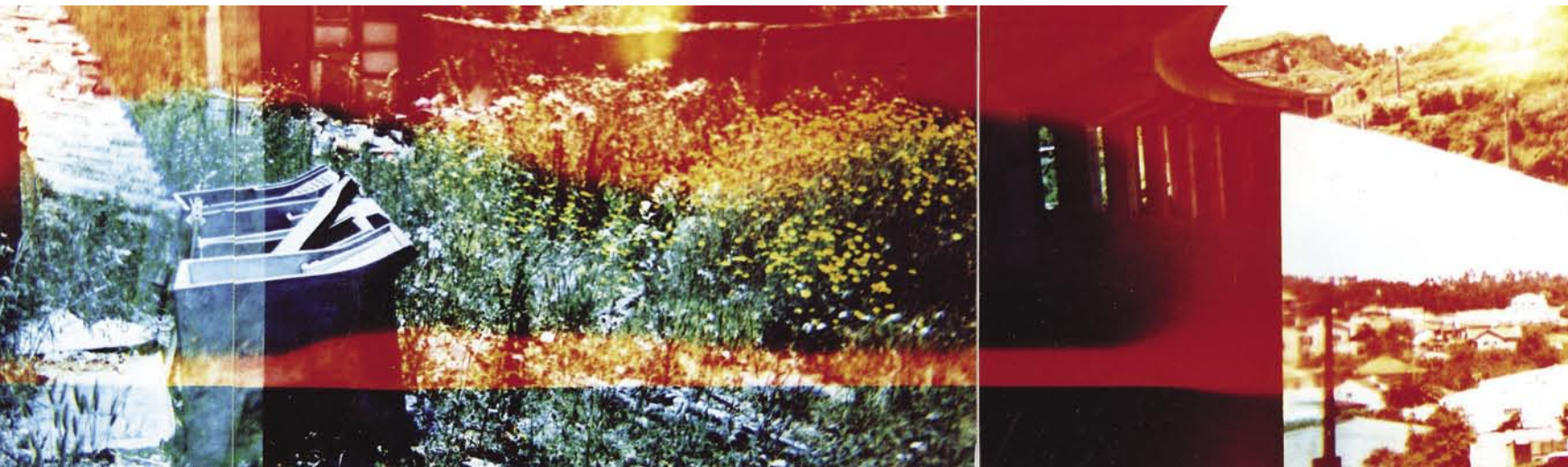
**Marc Latapie** é arquitecto pela Escola Nacional Superior de Arquitectura de Paris La Villette em 2007. Trabalha actualmente em Sevilla no atelier SAMA - Seminário de Arquitectura y Medio Ambiente. Temas de trabalho e interesse: relações entre espaço construído e dinâmicas sócio-políticas; situações urbanas e arquitectónicas de exclusão; abordagens alternativas e complementares ao projecto arquitectónico.

**Francesco Careri** é membro fundador do Stalker (1995) e da rede de Artistas Osservatorio Nomade (2002). É também professor e investigador na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Roma TRE, onde criou o curso de arte cívica. Livros da sua autoria: *Constant. New Babylon, una città nomade*, (Testo & Immagine, Torino 2001); *Walkscapes. Walking as an aesthetic practice*, (Editorial Gustavo Gili, Barcelona 2002).

**Lorenzo Romito** é membro fundador do Stalker (1995) e da rede de Artistas Osservatorio Nomade (2002). Licenciou-se em Arquitectura pela Universidade La Sapienza de Roma e ganhou o Prix de Rome, architecte pela Academia de França – Villa Medici (2000-2001). Em 2005-2008 ensinou na Faculdade de Design e Artes de Veneza, na T.U. Delft, Urban Body courses em Madrid, Beijing, Roma, Beograd. É curador e director artístico de várias exposições em Itália e no Estrangeiro. Com Stalker, apresentará este ano na Milão Trienal, Quadriennale de Roma, Bienal de Arquitectura de Veneza.

**Luís Santiago Baptista** é arquitecto e crítico de arquitectura, mestre em Cultura Arquitectónica contemporânea (FA.UTL), doutorando em História da Arte Contemporânea (FCSH. UNL) e director da revista *arq/a*. Os seus interesses de investigação integram os campos do urbanismo, arquitectura, design e arte, com especial incidência nas conexões entre a actividade criativa e as condições intelectuais e produtivas contemporâneas.

**Jean-Philippe Vassal** licenciou-se pela escola da arquitectura de Bordéus, França, em 1980. Entre 1980-1985 trabalhou enquanto arquitecto e urbanista na Nigéria, como professor de arquitectura na Escola de Arquitectura em Bordéus (1992-1999) e na escola de Versailles (2002-2006). Durante o semestre de verão de 2005 foi Professor na Universidade de Ciências Aplicadas de Düsseldorf (Peter Behrens School of Architecture). Desde 2007 é professor na Technische Universität de Berlim. Em Paris fundou o atelier Lacaton&Vassal junto com a arquitecta Anne Lacaton.







fotografia | Tamás Szentirmai



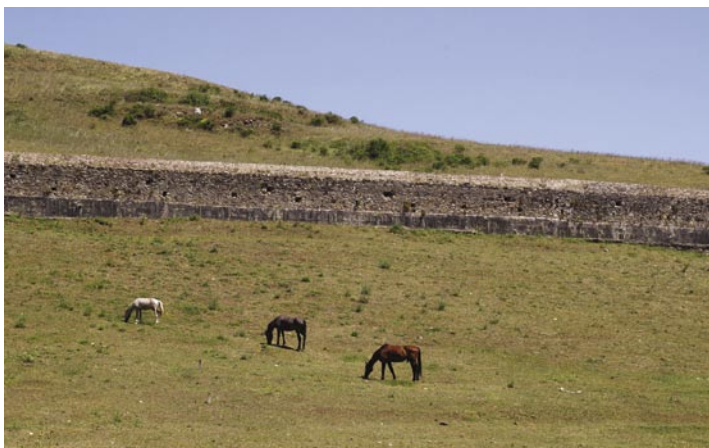
fotografia | Tamás Szentirmai



fotografia | Ester Pieri



fotografia | Tamás Szentirmai



fotografia | Tamás Szentirmai



fotografia | Tamás Szentirmai





## Walk | 28 e 29 de Maio

A caminhada assumiu-se como o momento chave do Walkshop. Caminhámos seguindo o sentido da água, desde as Nascentes do Aqueduto até ao centro de Lisboa durante dois dias, parando à noite no Parque de Campismo de Monsanto, o que permitiu não abandonar o percurso e ficar assim envolvido na experiência. O atravessamento de lugares desconhecidos, a relação privilegiada com a paisagem mas sobretudo a deslocação numa escala temporal mais próxima do próprio corpo foram aspectos memoráveis do *walk*. Esta prática revelou a sua capacidade de criar uma linguagem comum entre participantes oriundos de várias disciplinas e permitiu alguns encontros e conversas com os habitantes dos lugares atravessados.

## Workshop | 29 e 30 de Maio

O primeiro objectivo do workshop era poder partilhar e discutir entre os participantes as respectivas formas de interpretar a caminhada em si e o território que tínhamos atravessado. Por outro lado, era importante juntar e dar forma aos registos do *walk* a fim de poder comunicar a experiência às pessoas que não tinham nela participado. Mas este exercício tinha um aspecto paradoxal já que propusemos aos participantes transcrever em objectos comunicáveis uma experiência por definição imaterial. E de facto, os membros de *Stalker* insistiram muito sobre a importância de nos perguntarmos: “porque fazer algo?” antes de pensar: “o que fazer?”. No final, a consciência da presença da água na cidade, do seu papel, do seu uso e/ou desperdício foi recorrente nas conversas a ganhou uma especial relevância na instalação realizada durante o workshop. De facto, além de várias evocações do aqueduto, um “tecto de água” chamava a atenção dos transeuntes para o desperdício de água potável usada para a limpeza diária das ruas do Bairro Alto (o workshop e a apresentação pública decorreram na galeria ZDB, num rés-do-chão da Rua da Barroca). Assim fazendo, a instalação não se limitou a falar do aqueduto mas interagiu, à micro-escala e de forma lúdica, com o seu contexto e o espaço público.

## Apresentação pública | 30 de Maio

A apresentação pública durou só umas horas e foi de uma certa forma a inauguração de uma exposição que não ia ficar. O objectivo era de criar condições favoráveis para partilhar com os visitantes as sensações e os ensinamentos destes quatro dias de trabalho. Mas apesar de ter criado um momento muito convivial, este objectivo não foi fácil de atingir.

E de facto, na altura de voltar a reflectir sobre o Walkshop, este aspecto veio confirmar a necessidade de nos envolvermos completamente neste tipo de experiências para as poder aproveitar. A pretendida reinterpretação das paisagens, dos territórios e das suas complexas

dinâmicas requer uma verdadeira disponibilidade, física como intelectual, de quem está interessado em adquirir este conhecimento. É preciso deslocarmo-nos e envolvermo-nos na realidade mutável da cidade contemporânea para a podermos compreender; é preciso, como o lembrou Jean-Philippe Vassal durante a conferência, não nos esquecermos de sair das salas de aulas e dos ateliês. Há anos que a prática de *Stalker* abre caminhos para atingir estes objectivos e o *Walkshop – Aqueduto das Águas Livres* foi, somente, um convite a seguir um deles.

Marc Latapie

[1] Francesca Recchia, “IHAGAN EL AMOR ANTES DE HACER PROYECTOS!”, in *Stalker, STALKER.DOC*, colección Estrabismos, nº4, Centro de Ediciones de la diputación de Málaga (CEDMA), Málaga, 2008, p73. (tradução livre).

[2] Do nome do filme de Andrei Tarkovsky, *Stalker*, 1979.



fotografia | Pieter Coelis





## Walkshop - Aqueduto das Águas Livres

Um percurso através das realidades materiais e imateriais da metrópole contemporânea

Lisboa, 27 - 30 de Maio 2009

### Calendário

- 27 | conferência
- 28 | walk parte 1
- 29 | walk parte 2 + workshop parte 1
- 30 | workshop parte 2 + apresentação pública

### Local

Walk | Nascentes da Mãe d'Água Velha e Nova, Vale de Carenque – Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras, Lisboa  
Conferência + workshop + apresentação pública | ZDB - Galeria Zé dos Bois  
Rua da Barroca 59, Bairro Alto, Lisboa

**Organização** | Marc Latapie & Ester Pieri

**Co-produção** | ZDB - Galeria Zé dos Bois

**Consultoria** | Mário Caeiro, Maria da Graça Saraiva

**Vídeo** | Ricardo Silva

**Apoio** | CML Câmara Municipal de Lisboa, EPAL Empresa Portuguesa das Águas Livres, FAUTL Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, IFP Institut Franco-Portuguais, IIC Istituto Italiano di Cultura, Museu da Água

**Parceiro media oficial** | arq|a Arquitectura e Arte

### Participantes

Ademar, Alexandra, Andrea, Andrea, Bodil, Claudia, Cyrille, Duarte, Ester, Fabiana, Francesco, Francesco, Frederico, Giulia, Jacopo, Jean-Philippe, Joao, Joana, Jorge, Lorenzo, Luca, Luís, Mafalda, Marc, Marta, Matt, Pedro, Pieter, Ricardo, Rita, Rui, Sara, Sílvia, Simon, Susana, Susana, Tamás, Teresa e todas as pessoas encontradas ao longo do caminho.

### Agradecimentos especiais

Alexandra, Elisa, María, Pia, Pieter, Raquel, Ricardo, Sílvia, Sylvain, Tamás e Dona Teresa.

Um projecto Stalker/OsservatorioNomade  
[www.osservatorionomade.net/lisboa](http://www.osservatorionomade.net/lisboa)

